

MEMÓRIAS E SABERES ETNOBOTÂNICOS: A ESCOLA COMO LUGAR DA MEMÓRIA

Geângelo de Matos Rosa¹

Resumo: O presente artigo é parte de uma pesquisa de mestrado que buscou identificar e analisar os conhecimentos etnobotânicos e os mecanismos de transmissão e reprodução destes saberes presentes na comunidade Brasileira, Quilombo Rio das Rãs, município de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Neste contexto, realizou-se uma análise sobre o papel da Escola Municipal Emanuel Joaquim Vilaça como um desses mecanismos com o desafio de compreender em que medida a memória coletiva da comunidade, de forma especial o saber etnobotânicos, tem sido reconhecidos e transmitidos no espaço escolar desta comunidade. Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas e análise documental, numa perspectiva da pesquisa qualitativa em diálogo com estudos e reflexões de autores que discutem os conceitos de memória, saberes tradicionais e etnobotânicos.

Palavras – Chave: Memória. Etnobotânica. Saberes Tradicionais.

1. Introdução

A opção por este objeto de estudo decorreu das inquietações que surgiram durante a trajetória profissional no Território Velho Chico (TVC), a partir de 2011, oriunda da aproximação com as comunidades quilombolas. Tal trajetória foi marcada por experiências que permitiram uma aproximação junto às comunidades quilombolas, onde foi aguçado o interesse em conhecer os mecanismos que determinam a relação entre os saberes tradicionais sobre o uso de plantas presentes nesta comunidade e sua articulação com o espaço escolar formal. Desse modo buscou-se compreender em que medida a memória coletiva da comunidade, de forma especial os saberes etnobotânicos, têm sido reconhecidos e transmitidos no espaço escolar desta comunidade?

No processo de compreensão desse fenômeno, entendemos que estas discussões perpassam também pelo ambiente escolar e devem se constituir como provocação à comunidade escolar para a implementação e/ou intensificação de ações que visem a sensibilização necessária para garantir a presença desses saberes e da memória coletiva no currículo escolar da unidade educativa em questão. Em termos metodológicos, para este trabalho, os dados foram coletados

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC-UNEB/Campus I). Professor de Educação Básica, Técnica e Tecnológica (IFBaiano/Campus Bom Jesus da Lapa)



a partir de entrevistas semi-estruturadas e análise documental, numa perspectiva da pesquisa qualitativa em diálogo com estudos e reflexões de autores que discutem conceitos de memória, saberes tradicionais e etnobotânicos.

O texto é aqui apresentado em três sessões. A primeira uma breve apresentação da pesquisa, a segunda, são tecidas considerações acerca dos saberes, especificamente os saberes etnobotânicos, ainda resguardados na memória de alguns indivíduos da comunidade e a relação com o espaço escolar com vistas a implementar ações coordenadas que valorizem e disseminem estes saberes em suas práticas curriculares. Por fim, as Considerações Finais resultantes deste entrecruzamento de informações observadas na coleta dos dados e discussão teórica.

2.O Papel da Memória Coletiva nos Processos de Transmissão e Reprodução dos Conhecimentos Etnobotânicos na Comunidade Brasileira: Interface com o Currículo Escolar

Concordando com as palavras de Bauman (2007 p 07), estamos vivendo em uma “sociedade líquida-moderna”, em uma sociedade marcada pela efemeridade dos acontecimentos, de tal maneira que não há tempo suficiente para as realizações, especialmente as individuais se solidificarem porque “(...) em um piscar de olhos os ativos se transformam em passivos e as capacidades em incapacidades”.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem propagado suas certezas e invenções, através de um processo denominado de globalização, o qual tem gerado conflitos e resistências quando em contato com os saberes locais específicos dos diversos grupos sociais. O processo de globalização tem caminhado em direção à construção de uma cultura global, suplantando assim culturais locais diversas.

Para Toledo e Barrera-Bassols (2015) a sociedade está dividida em pólos, de um lado encontra-se a parte que assentou seus pilares no desenvolvimento industrial e científico. No outro se encontra uma parcela da sociedade que se ancorou nos saberes tradicionais ou pré-modernos. Esses autores ressaltam que mesmo nas sociedades dominadas pelas indústrias e pelas ciências ainda é possível encontrar grupos mais isolados, como os indígenas, agricultores familiares e comunidades remanescentes de quilombos que mantêm sua organização ancorada nos saberes tradicionais. Lembram ainda, que hoje em dia, além de presenciarmos diversos tipos de conflitos, como por exemplo: entre classes sociais e grupos com interesses econômicos divergentes, existe um conflito ainda maior entre os membros da espécie humana, pois, de um



lado encontra-se uma parcela da humanidade que lembra e que compõe um setor que inova contribuindo para o enriquecimento da diversidade natural e cultural e de outro, uma parcela que esquece e que a despeito de criar novas formas contribuem para a destruição da diversidade biocultural que compõe a memória da nossa espécie.

O modelo de sociedade organizado a partir da “(...) racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (Boaventura, sd, p 48). É verdade que a ciência considera os seus saberes superiores a outros, entretanto, não se pode negar a importância de saberes produzidos sobre outras bases epistemológicas, como por exemplo, os saberes tradicionais.

O predomínio dos saberes científicos em detrimento do saber popular, têm contribuído para o desaparecimento deste último, o que conseqüentemente levou a problemas na construção da identidade social e à perda de coesão entre os grupos. Na sociedade, presenciamos, como afirma Diegues (2001), um “confronto desses saberes” onde o saber tradicional é desprezado pelo saber científico. Percebemos também uma manipulação desses saberes pelos grupos dominantes, utilizando os recursos tecnológicos e simbólicos com vistas a alcançar um certo controle a partir da coesão forjada entre os diversos grupos dominados, por meio da construção manipulada da identidade social.

Para que esse processo alcance resultados positivos é preciso uma manipulação das memórias individuais e coletivas. Mas afinal, qual é o papel da memória nesse processo de imperialismo do saber científico e do controle dos grupos dominados pelos grupos dominantes? A história nos mostra que os grupos dominantes se estabeleceram e conseguiram difundir suas ideologias sobre os grupos subalternos, sobretudo, através do processo de distribuição dos elementos da cultura e dos símbolos culturais dos primeiros, apagando suas memórias e suas lembranças individuais e, construindo assim, uma espécie de memória coletiva.

Esse processo de manipulação das memórias é denominado por Pollak (1989), como enquadramento da memória, o qual pode acontecer a nível de um pequeno grupo como a nível nacional. Esse autor, ainda refletindo sobre a memória, destaca que existe uma memória específica de cada grupo marginalizado, que ele classifica de memória coletiva subterrânea e, memória dos grupos dominantes denominada como memória coletiva organizada “que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou Estado desejam passar e impor” (POLLAK, 1989, p. 08).

A efemeridade e a liquidez denunciadas por Bauman (2007) que marcam a sociedade



contemporânea, o consumismo, sobretudo de cultura, têm provocado o esquecimento de muitas lembranças e tradições. Apesar dessa liquidez dos costumes, dos valores, dos acontecimentos atingir um número cada vez maior de pessoas, ainda encontramos grupos, como no caso do Brasil, as tribos indígenas e comunidades quilombolas, que buscam se organizar para enfrentar essa liquidez e preservar sua cultura e seus saberes através da memória, haja vista que a memória é essencial para manter a coesão do grupo e a preservação da identidade social através do processo de enraizamento cultural.

Essa memória resguardada, sobretudo, pelos mais velhos é transmitida na maioria das vezes através da oralidade. Desse modo “a preservação e a continuidade das tradições dos grupos dependem das lembranças de seus membros. A transmissão dos valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico” (MORIGI 2012, pg. 186).

Vários autores dentre eles, Pollak (1989), Halbwaks (1990) e Nora (1984), destacam que a memória coletiva é um fenômeno social resultado de negociações e manipulações. Pierre Nora, destaca ainda que, as memórias também são passíveis de esquecimento e quando isso acontece, surge a necessidade de sistematização que pode ser realizada através da História, do Currículo Escolar dentre outros mecanismos.

Halbwacks (1990) destaca que o esquecimento das memórias acontece quando, por algum motivo, o indivíduo se afasta do grupo. Vejamos nas próprias palavras desse autor onde destaca que,

(...) quando a memória de uma série de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou que dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa, por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais estes fatos não estivessem mais, por que lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-los por escrito em uma narrativa seguidas uma vez que as palavras e os pensamentos morrem mas os escritos permanecem. (HALBWACKS, 1990. p. 81)

A memória coletiva desempenha um papel importante na construção e preservação da identidade e da cultura dos grupos, pois através dela são transmitidos, entre as gerações, os saberes, os valores e os hábitos. Mas considerando, sobretudo, a influência da mídia nos grupos, enquanto mecanismo de divulgação de uma cultura homogênea e industrializada, que tem levado ao esquecimento de valores, saberes e



hábitos que eram específicos de um grupo, é preciso que as comunidades recorram a diversos mecanismos para reproduzir e transmitir sua memória e sua cultura às novas gerações.

Independentemente do grau de instrução dos membros da comunidade, a transmissão das memórias, é realizada, geralmente, por meio da oralidade, como destaca Morigi (2012). Entretanto, a escola, especialmente por meio do currículo, pode constituir-se como um mecanismo fecundo de transmissão e reprodução das lembranças, saberes e tradições do grupo. Deste modo, ao analisar os mecanismos de transmissão e reprodução de saberes implementados na Comunidade de Brasileira, observou-se, no referido espaço, a importância e influência nessa tarefa, além da memória e da oralidade, o sistema escolar por meio do currículo.

O processo de luta pela posse da terra e, conseqüentemente, pelo reconhecimento de uma ancestralidade africana da comunidade, provocou entre os moradores da Brasileira uma constante atuação no campo de reivindicações por acesso a direitos de ordem fundamental para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos que são membros dessa Comunidade, como saúde e educação. Ao direcionarmos nossos olhares para a questão da educação local, é possível visualizar uma trajetória histórica de luta e de conquistas muito recentes. A comunidade espera que a educação, sobretudo a escolarizada, deve ocupar um lugar de protagonista no processo de fortalecimento da memória social e, conseqüentemente, da identidade social do sujeito quilombola da comunidade Brasileira.

Neste contexto, é fundamental que o sistema escolar local, representado pela Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça, disponha de um currículo atento aos aspectos estruturantes da história e cultura da comunidade em questão. Nesse bojo, entendemos que os saberes tradicionais, entre eles os saberes etnobotânicos, são partes integrantes e importantíssimos do mosaico cultural presente nesta comunidade.

A comunidade de Brasileira celebra a conquista dessa unidade de ensino, pois ela constitui a possibilidade de assegurar aos moradores o direito de cursar o ensino fundamental na comunidade. Diferente do que aconteceu por muito tempo nesta localidade, pois só era assegurado às crianças, jovens e adultos os quatro primeiros anos do ensino fundamental. Após esta etapa, tinham que se deslocar para a cidade de Bom Jesus da Lapa, caso desejassem concluir as demais etapas da educação básica, como mostra a fala do professor Moisés Cândido (Professor Zezinho),

Essa escola aqui ela vem depois das latada, das escolas nas casa de taipa e depois que o fazendeiro fez o prédio ali. Mas não tava dando conta não, aumentou muito a procura pela escola também. Aí agente trabalhava um grupo jovem, que no grupo jovem agente via a necessidade de sair disso aí, da quarta série, por que chegava na quarta série aqui tinha que para não é? Tinha que ir pra Lapa, terminar os estudos.(Professor Zezinho,)

A Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça ao ser entregue à comunidade a partir de 2011 passou a assegurar o atendimento não somente aos estudantes do ensino fundamental, mas também a estudantes do ensino médio através do programa Ensino por Intermediação Tecnológica-EMITEC, e por meio do Programa Todos Pela Alfabetização-TOPA, oferta educação para os jovens e adultos da comunidade.

Desde 2013, as escolas presentes em comunidades remanescentes de Quilombos deveriam organizar seu currículo segundo as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica instituídas pela resolução nº 08 de 20 de novembro de 2012. Conforme esse documento,

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- da memória coletiva;
- das línguas remanescentes;
- dos marcos civilizatórios;
- das práticas culturais;
- das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- dos acervos e repertórios orais;
- dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- da territorialidade. (BRASIL,2012)

Desse modo, as unidades de ensino presentes nas comunidades de remanescentes quilombolas bem como aquelas escolas que não estão localizadas geograficamente nos espaços de comunidades dessa natureza mas que atendem a estudantes oriundos dessas localidades, devem contemplar em seus projetos políticos pedagógicos, nos projetos de ensino e desenvolvimento de suas aulas os saberes tradicionais presentes nesses espaços. Neste sentido são pertinentes as palavras de Morigi (2012, p.188) ao destacar que “uma cultura é tão mais rica quanto mais saberes comuns permita integrar e, para isso, faz-se necessário o reconhecimento das mais diferentes formas e expressões culturais”.

Apesar da publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar

Quilombola em 2012, a Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça ainda não dispõe de um currículo que contemple os saberes relativos às comunidades remanescentes de quilombos e nem à memória desses sujeitos. Essa situação talvez se explique pelo fato de a escola ter sido considerada ao longo dos anos, com a função, como diz Bourdieu (2007), de transmitir apenas a cultura erudita.

Considerando o contexto exposto é fundamental que a escola busque alternativas para integrar os saberes tradicionais aos saberes curriculares. Considerando que a organização do trabalho pedagógico da escola é sistematizado no projeto político pedagógico, este constitui um espaço primordial para registrar a necessidade dessa integração bem como as possibilidades de realizá-la. Em se tratando da Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça, o Projeto Político Pedagógico ainda não foi atualizado de maneira que não foi possível analisá-lo, como mostra o depoimento abaixo,

(...) a escola não tem PPP, porque o que tem é tão defasado que foi um que foi feito a “1500” anos pela escola, ou se foi feito pela secretaria e distribuído só pra constar que tem. Mas acho que não foi, por que esses dias eu estava lendo e acho até engraçado, que deve ter sido feito, alguém fez numa sentada, escreveu assim a punho, mas só pra você ter ideia, agente não tem PPP e aí como esse ano tem que entregar pronto o PPP, então vai obrigar a dar uma lida, uma atualizada pra adequar, mas aqui nunca. (Professora Lilian)

Embora a escola não disponha de um PPP atualizado, contemplando o que propõe as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola, ela desempenha um papel político e social na comunidade, especialmente através daqueles professores que são mais envolvidos com as questões locais. Entretanto, é preciso ressaltar, como nos lembra Veiga (2002) a necessidade de o PPP estar redigido, atualizado, ser resultado de uma construção coletiva e que esteja disponível a todos os professores para que estes elaborem seus projetos de ensino e desenvolvam suas aulas com vistas a alcançar as metas previstas neste documento, uma vez que o PPP está relacionado, conforme esta autora, à organização do trabalho pedagógico em todas as dimensões que envolvem o processo de aprendizagem.

Considerando que os elementos do currículo da Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça, como o livro didático e a matriz curricular não contemplam o que propõe as diretrizes para a educação escolar quilombola e não fazem nenhuma referência aos saberes tradicionais e etnobotânicos, a comunidade de Brasileira espera que essa função seja desempenhada pelos professores. Para que os docentes realizem atividades dessa natureza é preciso que eles tenham algum nível de compreensão a respeito do que são estes saberes



tradicionais, desse modo buscamos analisar o que os professores dessa unidade escolar compreendem sobre saberes tradicionais. Percebemos que os docentes, entendem a necessidade de articular os saberes curriculares com os saberes da comunidade, mas no que diz respeito especificamente, ao conceito construído pela academia sobre saberes tradicionais constatamos que os professores ainda não o dominam, porém, demonstram, numa construção textual própria, compreender o que são esses saberes, como evidenciam os depoimentos abaixo:

saber tradicional é aquele da tradição, que vem passando, que vem delongas datas, pelo menos né, mas aqui está de modo geral. Deixa eu tentar traduzir o que eu tô pensando aqui. (...) O que é tradicional, o que é costume, o que é ensino, é isso que eu tô tentando articular. (Professora Lilian)

O saber tradicional tá ligado a coisas no caso que nasce na comunidade né, (...) criado na própria comunidade, saber tradicional. Eu penso assim., ligado a comunidade né que nasce na comunidade. E que traz a identidade da comunidade. (Professora Martiele)

Saber tradicional é aquela coisa de antigamente que com o tempo passa por evoluções e adaptações. É aquilo primeiro que surgiu viu. (Coordenadora Ritana)

Os professores, nos seus depoimentos sempre associam os saberes tradicionais ao que está relacionado aos mais velhos, a “coisas da tradição” a costumes, ou seja, relacionam esses saberes à memória da comunidade. Nesse sentido, são pertinentes as reflexões tecidas por Morigi (2012 p. 189), onde ele destaca “a importância das lembranças para o processo de identidade individual e social e afirma que o sentido da identidade consiste nos arranjos e rearranjos constantes dos vestígios e dos fragmentos de acontecimentos passados”. Dentre os professores, o que trouxe uma compreensão mais detalhada sobre o que são saberes tradicionais, foi o professor Zezinho, como é possível perceber no depoimento que segue abaixo,

O tradicional é esse saber que precisa tá ali, sendo preservado. Aquela base de cultura para os novatos, então ele vem de geração em geração não perdendo a tradição. Que quando só fala e não mostra a história e não existe também ali a prática disso, aí não fica tradicional, ela era tradicional. Tradicional é aquilo que vai gerando e que ainda existe. Pra nós aqui o importante do conhecimento tradicional é isso pra não perder.

Os dados da pesquisa revelam que a comunidade de Brasileira é um espaço que mantém, sobretudo através da memória dos mais velhos, um rico acervo de saberes tradicionais, dentre



eles, os saberes etnobotânicos, especialmente sobre o uso de plantas com propriedades medicinais. Estes não são contemplados pelo currículo escolar, por outro lado, os professores demonstraram compreender, a seu modo, o que são esses saberes e sua importância para manter viva a memória da comunidade. Tais saberes, mesmo que não apareçam sistematizados no currículo estão presentes no cotidiano escolar, através dos conhecimentos prévios que os estudantes adquiriram com seus familiares e através de algumas atividades que a escola desenvolve, situação evidenciada nas falas que seguem:

Eu acho que chega de certa forma, esse pessoal do 1º ano do EMITEC, tiveram uma feira relacionada à agricultura familiar, que tinha também, eles mostraram e deram uma aula no pátio mostrando coisas da comunidade assim da identidade quilombola, essas coisas. (Professora Martiele)

Oh, na verdade sobre esse tema, eu acho que os saberes que chegam, são trazidos mesmo dos avós, dos pais, mas assim, que tenha um projeto, que tenha algo de fora pra cá, se tiver foi antes de eu chegarem isso tem três anos que eu tô aqui. Que eu me lembre, quando chega eu acho que é isso mesmo, é mais no boca a boca, nos costumes, né. Sempre tem, sempre tem, assim ó, por exemplo alguns memoristas que também, já se foram e tal, e eles são sempre lembrados nos trabalhos de 20 de novembro por exemplo. Por que quando foca mais, por que aqui é uma escola quilombola, mas como trabalha mesmo a grande maioria é o pessoal da comunidade, talvez eles não saibam inserir a questão da lei mesmo aqui dentro. Eles falam mais dos costumes, contam as histórias de como foram as lutas, de como eles conseguiram mesmo o título de quilombola, Seu Simplício mesmo, o esposo de D. Paulina, sempre faz isso. (Professora Lilian)

Apesar destes saberes chegarem à escola de maneira indireta, através do que poderíamos denominar, usando Bourdieu (1970), do capital cultural dos estudantes e dos moradores mais velhos da comunidade, a escola, parece não ter conseguido dedicar uma atenção significativa, no sentido de buscar integrar, de forma sistematizada, esses saberes tradicionais ao currículo escolar, como destaca a professora Paulina no depoimento abaixo,

Na verdade esses saberes na escola eu acho que ainda está muito vago. Por que é assim, a escola, ela já vem com aquele currículo né, lá da secretaria, os livros já vem trazendo aqueles conteúdos, então de acordo seja o professor ele já nem vai tá adentrando tanto nisso, e que isso seria uma coisa tão importante, você que hoje assim como os animais, você vê que muitas plantas estão em extinção. (Professora Paulina)

É preciso considerar que o currículo é um espaço de poder, conseqüentemente os saberes que ele defende são resultados de uma seleção marcada pela disputa de poderes entre os grupos. Foucault (1984) destaca que onde existe poder ele será exercido, embora não saiba ao certo quem é o detentor do poder, o que se sabe é que ele se exerce colocando uns grupos de um lado e

outros grupos no outro polo. Para esse autor o poder não pode ser dado nem recebido em troca de alguma coisa, o poder é conquistado à medida que é exercido, nele está presente uma relação de força que segundo o autor não tem uma relação direta com as questões econômicas.

As reflexões de Bourdieu (1989) parecem complementar esse raciocínio quando ele diz que o poder está presente em toda parte e para descobri-lo é preciso buscá-lo onde ele menos se deixa ser visto. Esse autor denomina essa forma sutil e discreta de poder pelo nome de poder simbólico, o qual só pode ser exercido com a aquiescência dos que lhe estão sujeitos, ou mesmo que o exerce.

Os membros da comunidade da Brasileira parecem, ao seu modo, saber da existência dessa relação de força presente na escola e, conseqüentemente, no currículo, e buscam a partir de suas organizações exercerem o seu poder e exigir que a escola inclua em suas práticas pedagógicas e no currículo os saberes específicos de sua cultura como destaca a fala da Sr^a Rosa.

Por que a associação mesmo tá pedindo, os pai tá pedindo, muitos tá pedindo que é pra tá passano nas escola, pros aluno ter conhecimento disso. Eu acho que tá acontecendo isso sim, pro que ontem eles leu uma foi muito grande lá, tudo em cima disso aí. Tudo em cima disso né. Da cultura daqui de dentro mesmo. Então eu falei parabéns, parabéns pros professor, e pros aluno que tá teno esse conhecimento daqui de dentro né. Sobre educação, sobre tudo. Sobre o respeito foi falado e sobre essas coisa tudo. Hum, hum, tá de parabéns. (Dona Rosa)

Embora os saberes tradicionais ainda não façam parte, de forma sistemática, do cotidiano da escola da comunidade da Brasileira, esta unidade de ensino desempenha um papel importante, pois além de assegurar a escolarização das crianças, jovens e adultos, é o principal local de encontro dos membros da comunidade. Os principais eventos são realizados em seu espaço e isso faz com que esta unidade escolar se posicione de maneira diferenciada, não apenas como um espaço isolado do restante da comunidade, mas como um espaço aberto às diversas formas de organização, como a Associação Agropastoril, os grupos de samba de roda, as manifestações do grupo de jovens do Centro Cultural da comunidade. Enfim, toda essa diversidade de manifestações termina por influenciar, em alguma medida, a aprendizagem dos estudantes, mesmo que ainda não apareça formalmente descritas no planejamento pedagógico ou no Projeto Político Pedagógico, mas que se fazem presentes nesse espaço escolar. Ao tratar sobre a soberania da escola, Bourdieu (2007, p 211), destaca que,

Enquanto “força formadora de hábitos, a escola propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tantos esquemas de



pensamentos particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação aos quais pode se dar o nome de *habitus* cultivados.

A partir dessa reflexão, é possível compreender que a escola é um espaço por onde transitam uma série de discussões acerca dos saberes tradicionais na comunidade de Brasileira. Em se tratando especificamente dos saberes etnobotânicos, o termo “etnobotânico” não faz parte do universo vocabular dos professores, tão pouco dos membros da comunidade, entretanto, quando este termo foi apresentado a esses sujeitos como os saberes sobre as plantas, suas formas de plantio, suas formas de uso, sua utilidade na comunidade, todos compreenderam e se mostraram entusiasmados para falar sobre o assunto.

Na escola da comunidade, como destacado acima, os professores não fazem referência ao termo “saberes etnobotânicos”, entretanto, relataram em seus depoimentos que buscaram incluir em suas aulas a discussão sobre plantas, ainda que através de atividades pontuais,

A escola da comunidade tem buscado desenvolver práticas de cultivo de algumas plantas através do Programa Mais Educação, fato que foi percebido, também, no componente Curricular Ciências, como evidenciam os depoimentos abaixo.

Eu acho que a comunidade em si é muito ligada às plantas. Crê muito assim, até eu acredito muito assim. tã começando a plantar muito com esse programa do mais educação, agente também está começando a plantar na escola por que, se o aluno comeu uma merenda e fez mal, ah então faz um chazinho de boldo que melhora. Tem que tá ligado à escola. Eles mesmos percebem e se envolvem. Muitos deles já me falaram que não usam remédio de farmácia. (Professora Martiele) Nós fizemos um projeto, que agente foi visitar o rio, né. Que na verdade eu tava dando aula de ciências pra sexta série e aí uma aluna, que já era adulta também, ela comentou como é que tava a situação do rio e eu gostava muito de ir pro rio lavar roupa e então depois que eu comecei a trabalhar aí o tempo ficou curto e eu deixei de ir no rio. Aí ela falou dessa situação, então eu falei nossa, então agente vê a possibilidade da gente fazer uma caminhada no rio pra gente ver como é que tá o rio. Aí eu coloquei primeiro pra todas as turmas né, se agente fizesse a caminhada se eles queriam e coisa e tale coisa e tal. Aí todo mundo aceitou e então eu conversei com a diretora e ela aceitou e no dia foi com a gente. Agente fez essa caminhada no dia 07 de setembro de 2010 e aí agente viu o rio que estava numa calamidade. Era muita cerca atravessada no rio, muita gente derrubou as margem do rio tudo. Aí antes eu fiz, elaborei um formulário pra os aluno fazer pesquisa com os donos das roças e tal. E aí agente fez essa caminhada e depois eu fui na EBDA, aí eles vieram fazer uma palestra aqui. Aí tinha um aluno que queria saber onde era a nascente do rio e eu não sabia, então eu fui na CODEVASF e eles me explicaram e agente passou para os alunos. (Professora Paulina)

Através das imagens abaixo, é possível visualizar algumas atividades sobreestudo das plantas desenvolvidos na Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça. A foto (FIGURA 1), ilustra as atividades de cultivo de hortaliças e plantas medicinais realizadas pelos monitores e estudantes que fazem parte do Programa Mais Educação

Figura 1- Programa Mais Educação: Cultivo de hortaliças e plantas medicinais



Fonte- Arquivo do autor-2015

Já a foto (FIGURA 2), apresenta as atividades desenvolvidas pela escola sob a coordenação da Professora da disciplina de Ciências, por meio do “Projeto Rio Limpo”, citado acima na fala da Professora Paulina.

Figura 2- Projeto Rio Limpo: Visita ao Rio das Rãs



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça-

O projeto ilustrado, segundo a professora responsável, teve como principal objetivo refletir sobre os efeitos do desmatamento das margens do Rio das Rãs. O projeto foi iniciado a partir de 2010 e desde então, diversas atividades têm sido desenvolvidas entre os anos de 2010 a 2015, desde caminhadas ecológicas, exposições de fotos da região afetada até o estabelecimento de contato com órgãos públicos, como a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco-CODEVASF, para captar recursos com vistas a promover a recuperação da bacia do Rio das Rãs, através do reflorestamento de suas margens. O Projeto Rio Vivo apresentou resultados positivos para a comunidade e culminou com o comprometimento da CODEVASF, por meio do Comitê da Bacia do Rio São Francisco-CBHSF, em realizar o processo de recuperação da Bacia do Rio das Rãs. Este serviço foi

iniciado em 2014, através da empresa Local Maq, contratada pelo CBHSF, como mostra a fotografia, abaixo,

Figura 3- Placa informativa sobre serviço contratado da empresa Local Maq para revitalização da bacia do Rio das Rãs



Fonte – Arquivo do autor-2015

Em se tratando dos saberes etnobotânicos relacionados ao uso de plantas medicinais, foi possível constatar que a escola da comunidade de Brasileira tem buscado desenvolver algumas atividades, a despeito de, nessa unidade de ensino não existir nenhuma literatura específica sobre esta temática. A imagem abaixo (FIGURAS 4), mostram estudantes envolvidos em um projeto da disciplina de ciências, onde fazem um canteiro suspenso com espécies de plantas medicinais coletadas na comunidade.

Figura 4- Estudantes construindo jardim suspenso com plantas medicinais coletadas na comunidade



Fonte-Arquivo da Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça-2015

Por meio das atividades apresentadas e ilustradas anteriormente a Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça tem demonstrado preocupação em articular os conteúdos curriculares com práticas que alterem o cenário da comunidade. Nesse sentido Freire (2001) destaca que os conteúdos trabalhados na escola devem servir para desenevoar a visão dos

sujeitos, de modo que os possibilite fazer uma leitura da realidade que está em seu entorno e buscar os meios necessários para modificá-la.

Essas práticas demonstram a importância de a escola contemplar esses saberes etnobotânicos, pois além de ser um tema que faz parte do universo cultural, da maioria dos moradores da comunidade Brasileira, permite também, a partir de sua abordagem, explorar os aspectos históricos por quais passaram a construção destes saberes e, além de tudo, como estes foram úteis à sobrevivência dos moradores dessa comunidade. Faz-se necessário lembrar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica em seu art 7º, incisos X e XVII, traz como alguns de seus princípios,

X - direito ao etnodesenvolvimento entendido como modelo de desenvolvimento alternativo que considera a participação das comunidades quilombolas, as suas tradições locais, o seu ponto de vista ecológico, a sustentabilidade e as suas formas de produção do trabalho e de vida;

XVII - direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;(BRASIL, 2012).

Durante as observações e visitas realizadas na comunidade de Brasileira foi possível perceber que seus membros, têm a preocupação em fazer com que as novas gerações se apropriem dos saberes e das memórias de seu povo e, para tanto, lançam mão da oralidade por meio do diálogo com os filhos e demais jovens que se interessem ou se disponham a ouvir os guardiões desses saberes.

Esta comunidade também reivindica da escola uma atuação mais direta no sentido de que esta instituição se constitua como um mecanismo de transmissão e reprodução dos saberes tradicionais do seu grupo, especialmente os etnobotânicos e os saberes relacionados à história de luta da comunidade. Essa reivindicação decorre da consciência sobre a importância de manter vivo seus saberes e sua identidade, para que a memória da comunidade permaneça presente entre os seus membros. Para que essas lembranças, que são fundamentais à manutenção da coesão e a sobrevivência do grupo ao longo dos tempos, como ressalta Morigi (2012), sejam preservadas é preciso que as novas gerações se apropriem dessa memória e dos elementos culturais do grupo.

A preocupação com a preservação da memória torna-se mais acentuada em função dos atrativos da modernidade que chegaram em praticamente todas as localidades e que têm contaminado as gerações, sobretudo as mais jovens, inclusive apresentando a elas elementos de

uma cultura industrializada e veiculada através da tecnologia. Por outro lado, foi possível observar que A Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça, também compartilha com a comunidade, dessa preocupação em fazer com que as gerações mais jovens se apropriem desses saberes, especialmente os saberes etnobotânicos.

3. Considerações finais

A presente pesquisa demonstrou que os processos de transmissão de saberes tradicionais, especialmente os saberes etnobotânicos, têm sido realizados, de maneira geral, através da oralidade. Entretanto o apoio da Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça, ainda que de forma não sistematizada, tem sido fundamental nesse processo de preservação das memórias da comunidade.

Através dos depoimentos dos interlocutores, sobretudo, dos especialistas em práticas de cura, em consonância com o que a observação revelou, foi possível perceber que só a oralidade, como também os projetos e eventos culturais desenvolvidos na comunidade, não estão sendo suficientes para assegurar a reprodução e transmissão desses saberes às novas gerações, comprometendo assim, a sobrevivência das memórias, as quais, conforme vários autores, dentre eles Morigi, Rocha e Semensatto (2012), são fundamentais para preservar a coesão do grupo de maneira pacífica e persuasiva.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. Vida Líquida. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2007.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: DIFEL Difusão. Editora LTDA, 1989.

_____. A Economia das Trocas Simbólicas. Introdução, Seleção e Organização Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL, Brasília Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>. Acessado em 20/06/2021.

DIEGUES, Antônio Carlos. Org. Biodiversidade de Comunidades Tradicionais no Brasil. São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo. Política e Educação: ensaios. 5ª Edição. 2001. Cortez Editora

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Org. e Tradução Roberto Machado. 4ª edição. Rio de Janeiro: Edições Gral, 1984.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. In: Revista Todavia, Ano 3, nº 4, jul. 4ª edição, 2012. Disponível em <www.ufrgs.br/revistatodavia> Acessado em 10 de jun. 2021.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

MORIGI, V. J. ROCHA, C. P. V. SEMENSATTO, S. Memória, Representações Sociais e Cultura Imaterial. In: Morpheu-Revista Eletrônica em Ciências Humanas-ano 09, n. 14 de 2012. Disponível em <<http://www4.unirio.br>> Acessado em 29 de jun. de 2021.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khaury. 1993. In: Revista da PUC. Disponível em Acessado em 29 de jun de 2021.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 02. n. 03, 1989. P. 03-15.

TOLEDO, M. V. BARRERA-BASSOLS, N. A Memória Biocultural: a importância ecológica dos saberes tradicionais. Trad. Rosa Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org) Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 14ª edição. Campinas-SP: Papyrus, 2002.